

Razão e sentido em Eric Weil

Reason and meaning in Eric Weil

DOI: 10.20873/rpvn10v2-43

Paulo César Nodari
E-mail: paulocesarnodari@hotmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4123-8683>

Resumo

O propósito deste texto, *Razão e sentido em Eric Weil*, é trazer algumas justificativas razoáveis, sem a pretensão de esgotá-las, que sustentem a tese de que a busca pelo sentido, sobremaneira, na obra, *Lógica da filosofia*, emerge da articulação entre categorias filosóficas, atitudes humanas e deliberação razoável. Para Weil, o discurso não é, simplesmente, diálogo ou comunicação casual ou fortuita, constituindo-se como possibilidade e condição ética, lógica e política da ação do agente, conferindo-lhe, por conseguinte, legitimidade, razoabilidade e coerência às decisões humanas. Entender, portanto, o papel do discurso constitui-se em um momento fulcral, para compreender como o sentido emerge, legitima as ações e orienta a vida do ser humano em sociedade. Nesse sentido, o discurso não apenas acompanha a ação, mas a estrutura, assegurando que os atos humanos possam ser avaliados segundo critérios razoáveis, éticos e políticos. Para atingir o objetivo proposto neste artigo, a reflexão, a seguir, está dividida, basicamente, em dois momentos, além, é claro, de uma breve introdução e das respectivas considerações finais: (1) em um primeiro momento, busca-se elaborar uma breve exposição da tese central da filosofia de Weil, a de que o ser humano situa-se na condição contínua de ter que escolher entre a razão e a violência, para, (2) em um segundo momento, tratar de elucidar a ideia de que a relação entre o discurso e a ação é imprescindível para a compreensão da busca pelo sentido na concepção de Eric Weil, em sua magistral obra, *Lógica da filosofia*.

Palavras-chave

Razão; Sentido; Eric Weil; Violência; Ação.

Abstract

This article, *Reason and Meaning in Eric Weil*, offers a set of reasonable, though not exhaustive, arguments in support of the thesis that the search for meaning, particularly in *Logic of Philosophy*, arises from the dynamic interplay among philosophical categories, human attitudes, and reasonable deliberation. For Weil, discourse is not merely dialogue or casual communication; it constitutes the very possibility, as well as the ethical, logical, and political condition, of human action. As such, it provides legitimacy, coherence, and rational grounding for human decisions. Understanding the role of discourse is therefore essential for grasping how meaning emerges, legitimizes action, and orients human life in society. From this standpoint, discourse does not simply accompany action; it structures it, ensuring that human acts can be assessed according to reasonable, ethical, and political criteria. To develop this argument, the article is organized into two main sections,

in addition to a brief introduction and final considerations: (1) a concise exposition of Weil's central philosophical thesis, namely that the human being is continually confronted with the choice between reason and violence; and (2) an explanation of why the relationship between discourse and action is indispensable for understanding the search for meaning in Weil's thought, as elaborated in his seminal work *Logic of Philosophy*.

Keywords

Reason; Meaning; Eric Weil; Violence; Action.

1. Introdução

Eric Weil nasceu (1904-1977), na Alemanha, e, em 1933, abandona a Alemanha e vai à França, tendo obtido a nacionalidade francesa neste mesmo ano. Combate os horrores do nazismo e conhece o cativeiro durante 5 anos. Entre 1950 e 1977, leciona em algumas universidades francesas, em Lille, de 1956 a 1968, e, em Nice, até sua morte em 1977. Suas principais obras são: *Lógica da filosofia* (1950), *Filosofia política* (1956), *Filosofia moral* (1961), *Ensaios e conferências* (1970-1971), *Problemas kantianos*. Weil ocupa na atualidade uma posição muito singular e relevante no estudo filosófico, sobretudo, no que se refere à reflexão em torno da violência. Por conviver de perto com as atrocidades das guerras e dos extermínios que marcaram profundamente o século XX, Weil elabora uma reflexão filosófica muito peculiar, e, eminentemente, interessante e atual.

No que se refere à pesquisa e à reflexão sobre a violência, os textos de Weil são considerados uma obra-prima de nosso tempo. Na obra, *Lógica da filosofia*, Weil afirma: o ser humano é um animal dotado de razão e de linguagem, mais exatamente, de linguagem racional (Weil, 2012, p. 11), sendo este esforço do ser humano em pensar, falar e viver de forma razoável que caracteriza o seu pensamento filosófico. A filosofia tem como objetivo tornar o ser humano livre e capaz de justificar sua vida racionalmente, justamente, porque ele pode não sê-lo ou não querer vir a sê-lo, uma vez que ele, enquanto dotado de razão e de linguagem razoável, para que venha a ser o que ele está disposto a tornar-se, como alguém que deve realizar-se. Trata-se, pois, segundo Weil, da dialética da definição do ser humano enquanto capaz e possibilitado de realização, da busca pelo sentido de sua existência. Assevera Weil:

Basta projetar o que acabamos de dizer num único e mesmo plano para desembocar em afirmações paradoxais e “dialéticas”. A simples justaposição das teses nos autorizará, então, a descrever o homem como o ser que é aquilo que ele não é, e que não é aquilo que ele é: ele é natureza dada e descritível, ao mesmo tempo em que está em busca de seu verdadeiro, que nunca é dado nem pode ser descrito; ele é essencialmente razão e linguagem razoável, ao mesmo tempo em que sempre está abaixo do nível da razão. Mais que isso, e bem pior: ele é até mesmo o ser que não é, visto que ele é essencialmente seu próprio devir, e que esse devir não é um devir natural e descritível, mas seu próprio *fazer-se*. (Weil, 2012, p. 14-15: grifos do autor).

Percebe-se em Weil, a compreensão de que o ser humano é dotado, simultaneamente, de possibilidades semelhantes e distintas dos outros animais. Ele é um ser como os outros, isto é, tem necessidades, mas, também, tem desejos que ele próprio formou e deu para si (Weil, 2012, p. 17). Ele, muitas vezes, não sabe o que quer, mas sabe muito bem o que ele não quer. “Ora, o sentido dessa formulação torna-se agora definido: o homem não é aquilo que é, porque ele não quer aquilo que ele é, porque ele não está contente em ser o que ele é, em ter o que é. Ele é o animal que fala, um dos animais que fala, mas é o único animal que emprega a linguagem para dizer *não*.” (Weil, 2012, p. 18: grifos do autor). Dito de outro modo, diferentemente, dos animais, tal como a abelha, que também transforma o que lhe é dado de modo natural e que há muito é possível de observação e constatação na natureza, o ser humano é capaz de transformação reflexiva, isto é, é artesão de si, ou ainda, é capaz de dizer *não* ao que, simplesmente, lhe é dado. Ele é capaz de linguagem razoável. “Ser razoável significa: ser capaz de realizar sua própria negatividade, não apenas dizer *não* àquilo que é, mas produzir daquilo que é o que ainda não era, um novo objeto, um novo procedimento, ambos liberados daquilo que era incômodo na coisa e no modo de transformação oferecidos pela natureza.” (Weil, 2012, p. 19: grifos do autor).

A filosofia de Weil propõe uma reflexão sistemática sobre a relação entre discurso, ação e sentido, articulando dimensões epistemológicas, éticas e políticas da experiência humana. Em sua obra, *Lógica da filosofia*, Weil apresenta a filosofia como ciência do sentido (Weil, 2012, p. 593), investigando as condições de legitimidade e racionalidade das escolhas humanas. Diferentemente de abordagens meramente especulativas ou subjetivistas, Weil enfatiza que a filosofia orienta a ação ética e razoável, fornecendo critérios que previnam a arbitrariedade, a coerção e a violência. Nessa perspectiva, o intento deste ensaio, *Razão e sentido em Eric Weil*, a partir, sobremaneira, da obra *Lógica da filosofia*, tenta trazer justificativas que sustentem a tese

de que a busca pelo sentido emerge da articulação entre categorias filosóficas, atitudes humanas e deliberação razoável. De acordo com Weil, o discurso não é simplesmente diálogo ou comunicação casual. Constitui-se como possibilidade e condição ética, lógica e política da ação, conferindo legitimidade, racionalidade e coerência às decisões humanas. A centralidade do discurso na filosofia de Weil indica que a razão não se manifesta apenas, internamente, isto é, no pensamento isolado, mas na interação entre sujeitos. Entender, portanto, o papel do discurso é fundamental para perceber como o sentido emerge, legitima ações e orienta a vida social. O discurso não apenas acompanha a ação, ele a estrutura, assegurando que os atos humanos possam ser avaliados segundo critérios razoáveis, éticos e políticos. Para atingir o objetivo proposto, a reflexão está dividida em dois momentos, basicamente: (1) busca-se elaborar uma breve exposição da tese central da filosofia de Weil, a de que o ser humano situa-se na condição contínua de ter que escolher entre a razão e a violência; (2) trata-se de elucidar a ideia de que a relação entre o discurso e a ação é imprescindível para a compreensão da busca pelo sentido em Weil.

2. Escolha entre razão e violência

O pensamento proposto por Weil busca refletir a questão da violência e em que medida ela pode ser considerada como que a mola propulsora da vida razoável. Na obra, *Lógica da filosofia*, ele procura compreender o ser humano e como ele pode vir a tornar-se violento. O ser humano é um ser capaz de razão e de violência. Ele é animal no sentido de ter em si uma tendência de agir ou com base nos instintos, tendências cegas e paixões ou de agir razoavelmente, porque lhe é possível escolher uma vida guiada pela razão. O ser humano, enquanto ele é se constitui como ser de possibilidades, ele pode optar agir guiado pela razão ou não, lembrando que a opção pela ação racional é escolha pela realização da condição humana. A tarefa da filosofia consiste na formação e na constituição do ser humano capaz de escolher e agir razoavelmente, uma vez que se ele viesse a escolher pela violência, em última análise, ele optaria pela

recusa da ação razoável. Para Weil, a violência e a filosofia representam uma compreensão dialética da constituição da vida humana (Weil, 2012, p. 22).

Violência, para Weil, está ligada a uma atitude do ser humano não querer assumir e justificar sua vida razoável, confortando-se com o agir à maneira das forças naturais, deixando-se dominar pelas suas tendências, instintos e necessidades, já que o ser humano não é bom e nem mau por natureza. Ou seja, Weil assume o posicionamento intelectual de que o ser humano não estaria, de antemão, determinado a ser bom ou mau, mas, antes, estaria em uma condição como que de indeterminação original. O ser humano não é nem um deus e nem um animal, ele acaba por assumir a disposição de não escolher deliberadamente a opção pela vida razoável, privando-se da razão, e, assumindo a violência, isto é, a ação guiada e conduzida à maneira das forças naturais, dominado que é pelas suas tendências, instintos, necessidades. O ser humano, ao optar deixar-se guiar pela violência e não pela razão, acaba por assumir o caminho de negação do apaziguamento de si e da realização enquanto tal. A violência representa a irracionalidade, o impedimento do ser humano viver sua humanidade, plenamente, uma vez que, como afirma Weil: “[...] os homens não costumam dispor da razão e da linguagem razoável, mas devem delas dispor para serem homens plenamente.” (2012, p. 14). Por isso, a violência é uma atitude que contradiz a exigência de humanidade inerente ao ser humano, pois a escolha pelo caminho da violência e não pela da razão acaba por desumanizá-lo (Nodari, 2017, p. 190). Para que o ser humano se torne humano, realizado, e feliz, ele deve optar, livremente, pela razão e trabalhar, incessantemente, contra a violência se ele quiser sentir-se realizado enquanto tal.

Sublinha Weil:

Ser razoável significa: ser capaz de realizar sua própria negatividade, não apenas dizer *não* àquilo que é, mas produzir daquilo que é o que ainda não era, um novo objeto, um novo procedimento, ambos liberados daquilo que era incômodo na coisa e no modo de transformação oferecidos pela natureza. (2012, p. 19: grifos do autor).

A escolha entre a razão e a violência está, intrinsecamente, conectada à liberdade (Nodari, 2018, p. 610). O ser humano é capaz de razão e de violência, sendo-lhe possível escolher tanto uma quanto outra. A escolha pela violência é o oposto à escolha pela razão. No entanto, o

sentido da definição do ser humano como razão somente se mostra, de fato, na realização da razão, na medida em que ele é capaz de dizer não aos seus desejos e necessidades, especialmente, os que o privariam de uma vida razoável (Nodari, 2018, p. 608). Dentre os animais, ele é o único capaz de satisfazer os desejos e as necessidades que ele mesmo criou. Numa palavra, ele tem interesse de satisfazer a necessidade e o desejo, o que implica afirmar a vitória do contentamento sobre o descontentamento, ou seja, “[...] só é legítimo o desejo que busca a razão e o contentamento.” (Weil, 2012, p. 35). O ser humano é o ser que busca construir, por assim dizer, sua segunda natureza. Trata-se, pois, de sua autoconstrução. Esta é tarefa singular de cada um, não obstante saiba-se que a vida do ser humano se dá na convivência, isto é, na participação da vida comum, a fim de que a vida de todos seja, cada vez e sempre mais, humanizada. Assevera Weil: “Se o homem é o ser que não se contenta com o dado, tampouco se contentará com esse ser dado que é o seu e que consiste em negar o dado. Uma vez que uma *natureza* do homem é dada, ela será transformada pela atividade do homem (...).” (Weil, 2012, p. 20: grifos do autor).

Ao renunciar a uma vida razoável, o ser humano submeter-se-ia à sua animalidade, às suas paixões e às suas tendências cegas, renunciando à sua liberdade. É optando por uma vida justificada, uma vida razoável, que o ser humano viverá sua liberdade e sua própria humanidade. Assim, a razão apresenta-se como condição para a liberdade. Ela faz o ser humano libertar-se de sua condição de animal irracional, para assumir uma vida justificada e razoável. A não escolha pela razão conduz o ser humano à violência, sendo, pois, uma atitude irracional, constituindo-se em um obstáculo à realização de sua própria humanidade. Entretanto, lembra-se que o ser humano só pode reconhecer-se como ser violento, porque é um ser dotado de razão, descobrindo-se como violento, porque ele traz em si a exigência de não ser violento, ou seja, a própria exigência da razão. “A razão é uma possibilidade do homem: possibilidade, isso designa o que o homem *pode*, e o homem pode certamente ser razoável, ao menos querer ser razoável. Mas isso é apenas uma possibilidade, não uma necessidade, e é possibilidade de um ser que possui ao menos outra possibilidade. Sabemos que essa outra possibilidade é a violência.”

(Weil, 2012, p. 87: grifos do autor). Assim sendo, o ser humano que escolhe a violência somente a escolhe quando reconhece que tem essa possibilidade. Afirma-se, pois, acerca do ser humano:

Ele não pode admitir a violência se não tiver, pelo menos, a percepção de que existe, ao menos, outra possibilidade, a saber, a razão. A razão e a violência estão tão intimamente ligadas uma à outra, apesar de se apresentarem como possibilidades, radicalmente distantes da escolha do ser humano, que a violência só é violência aos olhos da razão, assim como a antítese só é pensada a partir de uma tese. Uma não se comprehende senão pela outra, na medida em que somente podemos entender o que é violência a partir da razão ou vice-versa. (Nodari; Carneiro, 2020, p. 99).

A filosofia tem o papel de auxiliar e possibilitar a reflexão com o intento de tornar o ser humano livre e capaz de justificar sua vida razoavelmente. A filosofia é a atividade reflexiva que busca dar razões da importância da escolha livre e deliberada pela vida razoável, sendo muito razoável a busca por uma vida humana cada vez mais humanizada e alicerçada sobre valores fundamentais da vida humana, tais como, a honestidade, a justiça e a felicidade, possibilitando, paulatina e progressivamente, a superação e o desaparecimento, tanto quanto possível, da violência, estando cientes, no entanto, de que a erradicação da violência é inimaginável (Weil, 2012, p. 34). O temor que alguém sente da violência é o medo contínuo em que cada um pode se perder, pode recair. Entretanto, a sensação mais intensa de medo relaciona-se, sobretudo, à insegurança que se tem diante da possibilidade sempre iminente de queda ou de recaída na irracionalidade, isto é, na violência. “A possibilidade de se perder, de decair, não de reincidir no desejo, mas de recuar diante do que ele não pode evitar, de esquecer o que é, em vista do que pode lhe acontecer: medo do medo.” (Weil, 2012, p. 34). O ser humano que, em sua liberdade, busca a vida racional, torna-se ser razoável, isto é, sábio. A vida do ser humano razoável é expressa como a sabedoria que se torna prática, isto é, a união da reflexão com a ação. O sábio é aquele que escolheu a vida razoável, e, por isso, sua ação na história será com base na razão, construindo relações razoáveis de convivência e de fortalecimento da não-violência, capacitando a cada um e a todos a assumirem sua condição da livre escolha do dizer, contínua e progressivamente, não à violência, mas isso só será possível, na compreensão de Weil, quando “(...) a razão terá penetrado toda a existência do homem e da humanidade.” (Weil, 2012, p. 35).

3. Discurso e ação: a busca pelo sentido

Quer-se inicia com uma passagem, segundo nosso parecer, muito interessante ou até mesmo paradigmática de Weil. Trata-se do texto, intitulado: *A virtude do diálogo* (Weil, 2024). Não obstante o diálogo tenha uma relevância irrenunciável, Weil lembra que o diálogo nem sempre foi assumido, seja em qual instância ele vier a ser considerado, inclusive pela filosofia, como um caminho importantíssimo de conexão entre o discurso e a ação com a perspectiva da busca pelo sentido, o que significaria escolher, ou melhor, optar pela razoabilidade, superando, por conseguinte, paulatina e progressivamente, a violência. Eis como Weil posiciona-se no referido texto:

É que os filósofos são homens, eles não são a filosofia. Ora, enquanto homens, eles devem admitir que o diálogo ainda não foi realizado, que a violência foi sempre a *ultima ratio regum*, a razão última dos reis, e não só dos reis, mas também dos filósofos que inspiraram os reis, que a linguagem dos homens pretende a universalidade, mas nunca é universal, que o mais forte tem razão em todos os sentidos da palavra razão, que é ele que forma a razão das futuras gerações e que, numa palavra, o diálogo mente quando afirma que pode eliminar a violência.

Talvez a situação seja ainda mais grave. Se os homens tivessem renunciado à violência, se eles não fossem mais – é a mesma coisa – apaixonados, por que falariam uns com os outros? Não há diálogo entre os anjos, assim como não existe diálogo entre os eleitos do reino celeste; para quem não tem mais paixões, a linguagem é aquela dos cânticos. O diálogo é o apanágio de seres que não são seres de diálogo. Se eles não estivessem prontos para morrer por algo – e isso implica sempre: prontos para matar –, como falariam ainda com *seriedade*? Que os homens possam querer morrer por algo, eis o que dá ao diálogo o seu sentido – precisamente ao diálogo entre esses homens.

Sócrates morreu pelo diálogo, depois de ter passado a vida inteira dialogando. Platão, em sua *República*, pensava ser preciso matar para parar o diálogo. Então, eles eram apaixonados – e reconheciam a virtude do diálogo. Sabiam que o homem não é razão pura, que o discurso de um e o discurso do outro não coincidem – e pensavam que o diálogo bastaria para criar entre os homens a unidade que tornaria a violência insensata, que daria à existência deles um sentido diferente daquele que a violência lhe dá de imediato. Estariam eles enganados? Pelo menos não estavam errados por desorientação, por cegueira ou por otimismo ingênuo: eles não ignoravam o fato de que o homem é o mais perigoso dos animais, não ignoravam também que ele não é nada se não for, na origem, um animal. (Weil, 2024, p. 270: grifos do autor).

Para Weil, o diálogo em si não leva à superação da violência de modo autômato. Nessa toada, porque, para Weil, o diálogo é um meio importantíssimo para a discussão, e, por consequência, à efetivação da ação, o mesmo torna-se uma possibilidade irrenunciável, isto é, é a *conditio sine qua non* para a busca do sentido, recordando que este não é algo dado de maneira imediata ou natural à experiência, mas resultante da articulação entre as categorias e as atitudes. Grosso modo, as atitudes exprimem a disposição existencial do sujeito diante do mundo. Elas são modos concretos, individuais e particulares pelas quais alguém assume e vive sua relação com a realidade. As categorias, por sua vez, constituem formas universais e estruturadas de pensamento que permitem compreender racionalmente essa experiência no mundo. O sentido, por conseguinte, surge dessa relação, isto é, as categorias oferecem a forma geral de integridade, enquanto as atitudes são sua realização existencial, e juntas elas fornecem o critério de rationalidade e legitimidade da ação. As categorias são formas gerais de sentido pelas quais o ser humano pensa o mundo e a si mesmo em suas ações. Cada categoria é simultaneamente uma maneira de pensar, uma forma de agir, uma estrutura de sentido e um momento da razão. Elas se apresentam como etapas articuladas do desenvolvimento da rationalidade e ação humanas. Então, enquanto as atitudes são os modos subjetivos concretos pelos quais o indivíduo assume uma categoria e age em sua situação no mundo, as categorias representam uma forma universal de reflexão de sentido na ação. Afirma Weil:

A filosofia é o falar de um indivíduo concreto, mas de um indivíduo concreto, que, numa situação concreta, se decidiu a compreender não apenas sua situação, mas também sua compreensão de sua situação. Sou eu que sei que não sou livre neste mundo – um mundo que sei ser o da violência, da pena, da fome, da perseguição e da morte violenta –, mas que *quero pensar* esse mundo e a mim nesse mundo em função do sentido que ele possui, e que, assim, *quero realizar* o sentido do mundo pelo discurso, pela razão, pela ação razoável. Sou eu que, aqui e agora, quero possuir um discurso que não me permita apenas agir, mas que me permita também compreender o que é agir e qual é o sentido de toda ação; sou eu que me sei finito e que, no entanto, quero compreender o finito a partir do infinito, a mesmo a partir do universal. (2012, p. 101: grifos do autor).

O sentido, portanto, não é mera abstração filosófica: ele orienta as escolhas humanas, garantindo que sejam justificáveis e coerentes com a rationalidade ética. O sentido surge quando o sujeito transforma sua experiência em reflexão crítica, reconhecendo a necessidade

de fundamentar suas escolhas. “O sentido na vida não se dá como se dá uma fórmula a ser seguida, ou um quadro onde o homem não possa sair. Concretamente, o sentido é construído pelo homem em seu mundo e muito frequentemente ele é reconstruído.” (Lins Júnior, 2014, p. 185). Nesse contexto, o sentido funciona como mediador entre ato e legitimidade ética, prevenindo decisões impulsivas ou arbitrárias, as quais, por vezes, ou na quase maioria das vezes, tornam-se violentas. O sentido é, simultaneamente, estrutural, por envolver categorias universais de racionalidade, e relacional, por se concretizar na comunicação e no encontro com o outro. Assim, a filosofia de Weil demonstra que todo ato significativo requer reflexão, e que o sentido só se realiza de fato quando submetido à análise crítica e à argumentação racional. Sublinha Weil:

A filosofia é, portanto, ciência do sentido em ambas as acepções: que visa ao sentido (concreto) e é constituída pelo sentido (formal). É um único e mesmo homem (na unidade da linguagem) que cria os sentidos concretos e a ciência formal do sentido, que, em outras palavras, quer a presença e fala sobre ela em função de sua ausência. (2012, p. 594).

O discurso racional é condição de possibilidade da ação ética. Diferentemente do diálogo casual ou da simples troca de opiniões, o discurso envolve argumentação estruturada, análise crítica e busca de coerência interna e externa. O discurso permite que os sujeitos exponham suas razões, analisem contradições, reconheçam limites do próprio conhecimento e busquem coerência entre intenções e resultados. Ele, simultaneamente, cumpre a dimensão lógica, ética e política. Ele não apenas torna visíveis os motivos das ações, mas também permite a correção de intenções equivocadas e a construção de acordos razoáveis. Sem o discurso, a ação corre o sério risco de permanecer arbitrária, suscetível à imposição unilateral de interesses, à violência e passível de queda para a injustiça. Segundo o entendimento de Weil, o discurso é o meio pelo qual o sentido se manifesta no plano social, tornando a ação não apenas possível, mas, sobremaneira, legítima e ética.

O discurso, na medida em que se pretende coerente, visa à presença, à eternidade, à essência do homem e do mundo. E essa aspiração à presença só é real no tempo da história; qualquer aspiração à essência imutável tem sua raiz no devir do homem determinado num mundo determinado, de um homem que se determina nesse discurso e nesse mundo contra um e outro. (Weil, 2012, p. 115).

A ação, na perspectiva de Weil, não consiste apenas na execução de comportamentos ou na busca de resultados imediatos. Ela é ética, pois incorpora reflexão crítica, intencionalidade e fundamentação racional. A ação não pensada e justificada tende a degenerar em violência, mostrando que a reflexão crítica é essencial para a legitimação ética dos atos humanos. A ação racional transcende o âmbito individual, possuindo e abrangendo implicações sociais e políticas. Ela exige o reconhecimento do outro como interlocutor legítimo e a consideração de critérios universais de legitimidade. Consequentemente, o discurso não é apenas uma etapa instrumental da ação. Ele é o espaço no qual se verifica a validade ética da ação, articulando razão, compromisso moral e responsabilidade social. Assim sendo, a ética da ação só se realiza quando mediada pelo discurso racional. Sem ele, a ação se dissocia do sentido, tornando-se, potencialmente, arbitrária, e, socialmente, perigosa. Para Weil, “(...) não basta dominar a natureza, é preciso dominar o próprio mundo da condição; não basta que o homem sirva o progresso, é preciso ainda que o progresso sirva o homem.” (2012, p. 561). Urge, por conseguinte, dar-se conta do resultado a que chega aqui o homem da ação. Ele: “(...) que quer pensar, mas quer, ao pensar, realizar universalmente a presença do sentimento, que quer, para falar junto com ele, que o mundo seja para o homem e não o homem para o mundo.” (Weil, 2012, p. 564). O caminho a seguir pelo ser humano é o de perseguir, ou seja, buscar sempre o discurso com sentido, isto é, a busca de um “[...] discurso absolutamente coerente para transformar, para submeter ao homem a pseudonatureza da sociedade humana.” (Weil, 2012, p. 567). Trata-se, pois, de uma verdadeira busca contínua. Acentua Weil:

O homem tem um lugar na sociedade, ele é um lugar na sociedade e é apenas isso, e essa sociedade é, assim, o terreno fechado da luta entre os homens pela satisfações, primeiro, pelo contentamento, depois: a sociedade se interpõe entre os homens e a natureza, mas para cada homem ela é uma segunda natureza, um exterior contra o qual e no qual ele deve lutar para ser homem, e que o impede de vir a sé-lo, uma pseudonatureza tão hostil e ameaçadora quanto a própria natureza. (2012, p. 566: grifo do autor).

A centralidade do discurso evidencia que a vida social, ou então, a vida política depende da deliberação racional. Weil destaca que a participação na vida democrática precisa ser ori-

tada pelo discurso e não apenas por normas formais ou autoridade coercitiva. Nessa perspectiva, a ausência de diálogo crítico compromete a legitimidade das decisões coletivas e aumenta o risco da violência institucional ou social. A filosofia de Weil fornece fundamentos para a criação de espaços de debate orientados pela razão, assegurando que ações coletivas sejam consistentes, legítimas, politicamente discutidas e acordadas, e, por conseguinte, socialmente aceitas. Constatase, pois, diante disso, que o discurso não é acessório, mas estruturante. É o meio pelo qual a sociedade constrói acordos e consentimentos razoáveis, acabando por legitimar ações individuais e coletivas, tornando a ação política uma extensão, por assim dizer, contígua da razoabilidade ética. Para Weil, nesse sentido, o diálogo e a discussão proporcionam uma densidade ética, e, também, política, dando à ação, por sua vez, por um lado, a possibilidade de transcender os limites da discussão técnica, tanto da economia como também da administração, e, por outro, a dignidade que a ação razoável exige e merece (Castelo Branco, 2019, p. 203).

Weil aborda a tensão entre razão e violência, alertando que a ausência de discurso razoável aumenta o risco de arbitrariedade, de coerção, e, muito possivelmente, o risco de violência (Nodari, 2017, p. 53). A liberdade e a dignidade do sujeito dependem da capacidade de fundamentar as ações do indivíduo na razão e não em quaisquer forças coercitivas arbitrárias do poder, venha ele de onde quer que seja. A ação legítima, portanto, é, simultaneamente, razoável, ética e discursiva. Ela só adquire sentido quando fundamentada em princípios de coerência, comunicação crítica e deliberação razoável. Pode-se, pois, afirmar que a filosofia articula ética, política e racionalidade, prevenindo decisões humanas arbitrárias e desfocadas da razoabilidade. Segundo Weil, a filosofia não é mero exercício teórico: ela orienta a ação humana de forma concreta, assegurando que as escolhas individuais e coletivas precisam respeitar critérios de legitimidade, evitando a arbitrariedade e a violência. O homem da ação contribui, tanto pelo pensamento como também pela atuação, para a efetivação de um mundo coerente com a sua presença realizada e feliz no mundo, porque o homem busca, em última análise, “(...) o apaziguamento da sua inquietude sobre o sentido da sua vida, a reconciliação interior que suprime o conflito e a divisão – um uma palavra, a *felicidade*.“ (Weil, 2011a, p. 42: grifos do autor). No entanto, esta busca e ação não se dão em ambiente de isolamento, mas em âmbito social, uma

vez que o sujeito da ação é um ser que vive em comunidade, convive com outros seres humanos, os quais, por sua vez, também estão à busca de realização e felicidade. Logo, o mundo no qual o ser humano nasce, cresce e convive não é um mundo perfeito, ileso à violência, ou isento de conflitos. Trata-se de um mundo a ser transformado e a ser construído pela atividade do ser humano que age. Com outras palavras, a tarefa que se coloca é transformar a realidade que vem marcada pela violência, para razão instrumental e pelas relações focadas nos interesses egoístas de uma sociedade alinhada à supremacia do individualismo. A transformação por meio da ação não se dá pela criação de um mundo novo, por assim dizer, de uma teoria política inaudita e distante do mundo no qual se apresenta aos sujeitos da ação (Lins Júnior, 2014, p. 181). Acerca de Weil:

É preciso transformar o mundo: que mundo? E qual transformação? Nada seria mais esdrúxulo do que inventar um mundo perfeito; um mundo inventado seria um mundo pensado, não um mundo real, seria outra consolação, uma satisfação imaginária a mais. Não, o mundo é o que ele é, o que ele é na vida daqueles que não pensam sobre ele porque não têm tempo para pensar sobre ele, porque estão presos na organização desse mundo como as engrenagens em uma máquina: isto é, o mundo da condição. E agora esse mundo deve ser pensado, pensado nos discursos daqueles que produziram discursos, daqueles, em outras palavras, que haviam conseguido escapar desse mundo parcialmente, que haviam construído esse mundo e haviam dito (se não para eles próprios, ao menos o homem dação) que esse mundo não continha contentamento para o homem. (2012, p. 564).

Weil foca a construção do sentido através do discurso razoável e da legitimação ética da ação, evidenciando a dimensão prática, social, política e comunicativa da razão. Weil valoriza a ação e a pluralidade ao enfatizar a dimensão lógica e categorial do sentido, mostrando que o discurso racional e estruturado é condição lógica e ética para que a ação seja significativa e legítima. A ação humana só adquire sentido enquanto tal quando mediada pelo discurso razoável, ligando coerência lógica, ética e responsabilidade social com a construção de uma sociedade em que haja, de fato, respeito à humanidade que há e está presente em cada agente e ação.

O mundo é dado e só pode ser dado, com suas tradições, suas estruturas, sua moral histórica; mas nesse mundo o homem, de posse da filosofia da moral e da moral filosófica, sabe o que deve fazer para não cair no desprezo de si mesmo, para não ser vítima da única infelicidade concebível para ele. Basta, necessariamente, evitar o que se opõe à realização de uma universalidade, de uma razão sempre mais estendida no mundo tal como ele é, noutros termos, basta respeitar a humanidade em si mesmo, respeitar a humanidade de todo homem, pois todo homem, enquanto

capaz de razão, de vontade, de liberdade, não é melhor do que seu igual: ele só se distingue dele pelo que ambos conservam de animalidade. (Weil, 2011a, p. 72).

4. Considerações finais

A filosofia de Eric Weil demonstra que a busca pelo sentido não constitui um dado ontológico prévio, tampouco uma propriedade natural da consciência, mas uma construção reflexiva, dinâmica e histórica, resultante da articulação entre discurso, racionalidade e ação. O exame das categorias e das atitudes explicita que o sentido não está situado em um além metafísico, mas se o produz no próprio exercício da razão, que transforma a experiência imediata em inteligibilidade. A deliberação razoável, ao exigir que o sujeito confronte suas motivações, seus fins e os conceitos pelos quais comprehende o mundo, permite que a ação se torne transparente para si mesma. Nesse quadro, o discurso assume função estrutural: não se reduz a um intercâmbio comunicativo, mas constitui o espaço no qual a razão se manifesta, se prova e se universaliza. Toda ação, portanto, que pretenda reivindicar legitimidade ética precisa ser submetida ao exame discursivo, pois somente nele o sentido se constitui como resultado da reflexão crítica, e não como produto da espontaneidade ou da violência.

O discurso se apresenta como condição de possibilidade da ação ética, razoável, e, soci-almente, legítima, evidenciando sua centralidade na filosofia weiliana. Superar a arbitrariedade, que, para Weil, é sinônimo de ausência de sentido e irrupção possível da violência, exige a disposição do agente para justificar razoavelmente suas escolhas, reconhecendo que a ação só adquire validade quando pode ser defendida diante de outros sujeitos igualmente razoáveis. A razoabilidade prática, por conseguinte, não é atributo, exclusivamente, subjetivo, mas, complementando-se, é dinâmica intersubjetiva realizada no diálogo, na argumentação, na crítica e na construção de consentimentos. Então, ao mostrar que ética e política são inseparáveis, Weil formula a tese de que a ação política legítima é sempre aquela que pode ser fundamentada razoavelmente e submetida ao crivo público, o que impede que a vida em sociedade seja domi-

nada pela força ou pela irracionalidade. A dimensão política aparece, assim, como prolongamento da moral, não como esfera autônoma, mas como campo no qual as decisões comuns encontram sua forma institucional e discursiva de legitimação.

A política (enquanto teoria) exige que o indivíduo compreenda a realidade histórica e política tal como ela é em si mesma; mas para ser acessível e aceitável pelo indivíduo ela deve partir da moral. Pois, para o indivíduo, a moral é a primeira na ordem do conhecimento, justamente, porque a política o é na ordem da realidade. Assim, toda reflexão filosófica sobre a política tem sua origem na reflexão moral. (Weil, 2011b, p. 27).

Para Weil, a moralidade funda-se no reconhecimento razoável da humanidade presente em cada pessoa, exigindo que o sujeito trate o outro sempre como fim. Contudo, esse indivíduo moral não se realiza plenamente na interioridade isolada. Sua efetividade depende de um espaço social e institucional capaz de reconhecer, avaliar e traduzir sua ação em norma comum. O agir moral, por consequência, exige mediação institucional, discursiva e histórica. Weil reconhece que, ao ingressar na sociedade, o indivíduo enfrenta tensões, divergências e conflitos inevitáveis. Todavia, esses conflitos não indicam fracasso da moralidade, mas, ao contrário, tornam ainda mais necessária a discussão racional como meio de resolver diferenças sem recorrer à violência. Nessa toada, o discurso emerge como instância capaz de transformar o conflito em ocasião de sentido, orientando a práxis moral em direção à universalização e impedindo que as tensões inerentes à vida social se convertam em destruição e violência.

Por fim, a filosofia de Eric Weil reafirma o papel da filosofia como ciência do sentido, oferecendo um fundamento teórico rigoroso tanto para uma ética da ação quanto para a prática democrática compreendida como processo permanente de deliberação. Nenhuma sociedade democrática alcança perfeição ou supressão completa dos conflitos. Entretanto, é, precisamente, essa imperfeição que exige a função reguladora do discurso e a ação de cada sujeito da ação em sociedade. Nessa perspectiva, a democracia, por sua vez, é compreendida não como forma estática, mas como prática histórica da razão, sustentada pelo diálogo, pela crítica e pela revisão contínua das normas que regem o agir de todos os seres agentes. Dito de maneira muito simples e breve, para Weil, a democracia poderia ser definida como “[...] “uma marcha rumo à razão, à educação perpétua do homem por si mesmo, para que o homem seja homem plena e

verdadeiramente" (Weil, 2021, p. 226). O respeito moral à humanidade de cada pessoa, princípio axial da filosofia de Weil, encontra, nesse contexto, sua condição mais adequada de realização, pois a democracia é o regime que possibilita a participação racional dos indivíduos na determinação do sentido comum. A filosofia de Weil não apenas ilumina a estrutura racional do agir humano, mas também oferece orientações concretas para a construção de instituições e práticas sociais que preservem a legitimidade, evitem a violência e promovam o florescimento da vida razoável. Comenta a respeito, Castelo Branco: "Nunca plenamente realizada, a democracia permanecerá exposta a limites externos e a riscos, mas o autor recorda também que esses mesmos riscos não são definitivos ou insuperáveis, desde que sejam reconhecidos e enfrentados." (2024, p. 13).

Nesse quadro, ética, rationalidade e política configuram dimensões solidárias e interdependentes da busca humana pelo sentido, cujo êxito depende da capacidade coletiva de sustentar o discurso como instrumento fundamental da vida em comum. Para tanto, a educação tem um papel fundamental, a saber, formar homens capazes de decidir e agir razoavelmente enquanto presença no mundo, segundo as exigências do universal na situação concreta, sabendo e estando cientes do que fazem e o porquê fazem o que fazem, ou então, cientes de como agem e de porquê agem da maneira como agem (Weil, 2011b, p. 67).

5. Referências

- CASTELO BRANCO, Judikael. Eric Weil e os limites da democracia em um mundo de tensões. *Filosofia Unisinos. Unisinos Journal of Philosophy*, V. 25, N. 1, 2024: 1-14: e25105
- CASTELO BRANCO, Judikael. Política e diálogo: reflexões a partir de Eric Weil e Hannah Arendt, *Philósophos*, V. 24, N. 1, 2019: pp. 195-227.
- CORTINA, Adela. *Aporofobia, a aversão ao pobre*. Um desafio para a democracia. São Paulo: Contracorrente, 2020.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo*: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.
- GOERGEN, Pedro. Tecnociência, pensamento e formação na educação superior. *Avaliação*. V. 19, N. 03, 2014, pp. 561-584.
- GUARDINI, Romano. *O fim da idade moderna*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- HABERMAS, Jürgen. *O futuro da natureza humana*: a caminho de uma eugenia liberal? São Paulo: Martins Fontes, 2004.

- JONAS, Hans. *O princípio responsabilidade*: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2006.
- KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995.
- LAVAL, C.; VERGNE, F. *Educação democrática*. A revolução escolar iminente. Petrópolis: Vozes, 2023.
- LINS JÚNIOR, Daniel da Fonseca. Ação e sentido na *Logique de la Philosophie* de Eric Weil. *Argumentos*, V. 6, N. 11, 2014: pp. 172-189.
- NODARI, Paulo César. *Casa comum ou globalização da indiferença?* São Paulo: Paulus, 2022.
- NODARI, Paulo César. *Fraternidade e amizade social*. Uma introdução à leitura da Encíclica *Fratelli Tutti* do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2022.
- NODARI, Paulo César. Razão e violência em Eric Weil. *Griot*, V. 16, N. 2 2017: 188-204.
- NODARI, Paulo César. Violência, razão e cultura de paz. *Roteiro*, V. 43, N. 2, 2018: pp. 605-634.
- NODARI, Paulo César; CARNEIRO, Marcelo Larger. Educação para a universalidade e para a não violência segundo Eric Weil. *Conjectura*, V. 25, Dossiê, 2020, pp. 90-118.
- NUSSBAUM, Martha. *Sem fins lucrativos*. Por que a democracia precisa das humanidades. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- ORDINE, Nuccio. *A utilidade do inútil*. Um manifesto. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2016.
- PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica do Sumo Pontífice: Laudato Si'. Louvado sejas*. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.
- SANDEL, M. *A tirania do mérito*. O que aconteceu com o bem comum? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*: do pensamento único à consciência universal. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SCHELER, Max. *A posição do homem no cosmos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- SKIDELSKY, Robert; SKIDELSKY, Edward. *Quanto é suficiente?* O amor pelo dinheiro e a defesa da vida boa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- WEIL, E. A educação enquanto problema do nosso tempo. In: WEIL, E. *Quattrotextos excêntricos*. Seleção, prefácio e tradução de Olga Pombo. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.
- WEIL, E. A virtude do diálogo. *Revista Reflexões* (Trad. Judikael Castelo Branco), V. 13, N. 25, 2024, p. 270-281.
- WEIL, E. *Escritos sobre educação e democracia*. Trad. Judikael Castelo Branco. Palmas: Eduft, 2021.
- WEIL, E. *Filosofia moral*. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: É Realizações, 2011a.
- WEIL, E. *Filosofia política*. Trad. Marcelo Perine. 2ª edição. São Paulo: Loyola, 2011b.
- WEIL, E. *Lógica da filosofia*. Trad. Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: É Realizações, 2012.
- WEIL, E. *Problemas kantianos*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: É Realizações, 2012.

Recebido em: 03-12-2025
 Aprovado em: 16-12-2025

Paulo César Nodari

Possui graduação em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul, graduação em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com período sanduíche na Universidade de Tübingen, Alemanha.